A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor etc.

SUMMARIO

SALA DOS ACTOS GRANDES DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

CHRONICA

Uma semana feita de lama e de frio intenso, de suicidios por amor e de raptos por estravagancia, de vaticinios aterradores e de matrimonios á socapa.

O novo anno ora afina o bandolim de D. Juan para desferir trovas apaixonadas ás borboletas saltitantes do asphalto; ora arrasta ao suicidio uns infelizes fracalhões, a quem o amor não sorria; ora conduz ao altar de Santa Isabel, pelas manhãs frigidissimas do seu janeiro cortante, muito em segredo, como que ás furtadellas, uns pares de noivos que o anno velho teimara em não querer unir sob a estola do santo sacerdote. Nas horas que lhe ficam vagas d'esta faina casamenteira e d'estes tetricos labores suicidas, vae raptando donzellas frageis, que o ascensor da calçada da Gloria se encarrega de conduzir ao setimo ceu do prazer, emquanto o planeta Venus resplandece no firmamento, ou entretem-se a fanthasiar prophecias negras sobre a maior ou menor duração d'este mundo gasto e pôdre.

Segundo todas as probabilidades, a machina mundana, corroida nos seus eixos e enferrujada nas suas engrenagens, está por um triz a desconjunctar-se. Dentro de pouco tempo, o preciso, talvez, para balbuciarmos o acto de contricção e encommendarmos a alma a Deus, a humanidade sumir-se-ha n'um precipicio horrendo, impellida por mãos occultas. Não lhe valerão preces fervorosas nem protestos de que ha de ter mais juizo para o futuro. Será tudo arrastado, em medonho *pêle-mêle*, para o fundo negro da voragem, o ministerio, a praga enorme dos amanuenses indigenas, o sr. de Bismarck e o sr. Rosa Araujo, o exercito de galão branco e o exercito de galão amarello, os novos pares eleitos e os deputados por eleger, toda essa magna caterva que ahi *fazia* alegremente a Avenida e o parlamento, as secretarias e os quarteis, as Camaras municipaes e os Congressos europeus.

Lá diz a velha tradição portugueza:

Quando Marcos empaschoar
E santo Antonio coroar,
E o Corpo de Deus arder,
Muita coisa se ha de ver.

Lá o dissera antes a velhissima prophecia do sinistro Michel Nostradamus:

Quand George crucifiera,
Et Saint Marc ressuscitera,
Et la Saint-Jean portera,
La fin du monde arrivera.

Ora, por um estranho capricho do traiçoeiro 86 recem-vindo, tudo isto se realisa sob o seu reinado. O dia de S. Marcos coincide com o domingo de Paschoa; o de S. Jorge com a sexta feira da Paixão; o de S. Antonio milagroso com o domingo de Pentecostes; e o *Corpus-Christi* com o dia de S. João.

Segundo o provençal Nostradamus, aquelle esculapio patusco, que teve artes para enfeitiçar Carlos IX e Catharina de Médicis, estamos, portanto, em vesperas do fim do mundo, chegados ao derradeiro periodo d'esta existencia agitada e irrequieta, hoje feliz, ámanhã amarga e semsabor, que arrastavamos penosamente pela terra. No dizer dos prophetas de mau agoiro, só nos resta preparar as malas para a grande viagem, porque Marcos empaschoa, e o Corpo de Deus arde, no anno presente, sobre as fogueiras crepitantes do S. João galhofeiro.

Com franqueza, só de pensar n'isto, eu sinto ganas de mandar ao demo a Chronica e de ir, pela Avenida fóra, sob a caricia tepida d'uma restia de sol, que n'este momento doura a minha janella, embriagar-me com os sorrisos infernaes das mundanas faceis e com os olhares atordoadores das viscondessinhas picantes.

Em verdade, para que serve a Chronica, a dois passos do nada, quando tudo isto já cheira a mortos, e os bandarras nos concedem apenas uns breves dias de vida? De que vale fallar do passado e do presente, quando é o futuro que nos preoccupa a todos nós, com a sua pavorosa *mise en scéne* de raios exterminadores, de diluvios sem arca salvadora, de cataclysmos estupendos sem um Noé bemfazejo e caritativo?

Se, ao menos, nos acenassem com um novo mundo, no meio d'esta annunciada *degringolade*, vá. Haveria animo para afrontar o perigo, teriamos até um sarcasmo, em vez d'uma lamuria triste, para receber o tremendo golpe. Assim, na expectativa do aniquilamento completo, é preciso pedirmos a um riso de mulher a coragem que nos falta para encarar os horrores da hecatombe; e se isso não basta, ir procural-a no fundo de um calix d'absyntho, no fremito das orgias, onde o cerebro se escalde, e a rasão se perca, e o somno da embriaguez nos dê a miragem deliciosa de muitos annos de ventura ineffavel, com uma pontinha de ideal e todas as fragrancias estonteadoras do amor. E' necessario ir retoiçar doidamente pelo mac-adam, á cata d'impressões fortes que nos atordoem, e, sobre tudo, dizer adeus á Chronica, que nos entristece.

E é, talvez, pela simples rasão de que se acaba o mundo, que o theatro de D. Maria vae desmantellar-se, segundo uma affirmativa recente dos *reporters*, em gyro ameno por todos os jornaes do paiz. Aquelle punhado de gloriosos e bons artistas, prevendo o triste fim proximo d'esta coisa terrestre, onde faziam rir os outros, com os qui-pro-quos desopilantes da *Clara Soleil*, vão afastar-se dos convencionalismos do palco, para se entregarem á doce realidade do gozo, nos poucos dias de vida que lhes restam e que, por desgraça, nos restam tambem a nós.

Brazão — conta-se — embrenhar-se-ha pelo espesso arvoredo da sua formosa quinta do Gradil, gozando-lhe tranquillamente os rendimentos, n'uma ociosidade feliz.

Rosa Damasceno, sua esposa, acompanha o marido n'aquelle curto mas delicioso idylio *sub tegmine fagi*, ouvindo murmurar os arroyos crystallinos e sussurrantes.

João Rosa, um veterano sem cans, um reformado sem cicatrizes nem rugas, irá, tambem, viver o brevissimo resto da existencia, n'uma quinta que possue para as bandas do Cartaxo, entregando-se ali, pacatamente, á enxófra dos bacellos e á faina movimentada das vindimas.

Augusto Rosa, esse seguirá um caminho diverso, que principia junto do altar e acaba n'um *ménage* todo luz e aromas. Casa-se primeiro, para não ter ciumes dos companheiros fugitivos, e depois vae disfructar as rendas que lhe proveem do matrimonio, viajando pelo estrangeiro com a escolhida do seu coração.

E adeus arte dramatica! E adeus noites de D. Maria, com valsas embriagadoras de Strauss, regidas pelo rotundo Gaspar da municipal!

Mas, tambem, para que precisamos nós d'Arte e de valsas, se a nossa ultima hora está chegada?!

Até a maioria parlamentar, essa phalange de benemeritos, ainda ha pouco tão risonha e tão feliz, cahio já n'uma madorna profundissima, presentindo o enorme desastre do fim do mundo.

E' que o *dies irœ* aproxima-se, decididamente, com todo o seu pavoroso cortejo de calamidades. Foi Nostradamus, o magico, quem o disse.

Mas o que veremos nós, n'esse dia tremendo, e que genero de morte nos estará reservado?

Ecco il problema!

CASIMIRO DANTAS.

NOIVADO

A C. C.

Fóra, nos campos, nas serras
Castos aromas d'abril;
Cantos viris pela terra,
Varrido o céo côr d'anil.

Raparigas pelas eiras
Soltam notas prazenteiras
Em vozes fortes, vibrantes.
As brancas amendoeiras
Perfumam, luxuriantes,
Os recantos do logar.
Ha perfumes pela granja,
Ha perfumes pelo ar.
No chão a flôr de laranja
Põe a brancura dos linhos;
Balidos em todo o valle,
Amor em cada casal
E beijos dentro dos ninhos.

No oiteiro, a egreja caiada.
Ao pé, brincando, as creanças.
Ao fundo, junto á levada,
Vão noivando as pombas mans s.

Pelas vidraças da egreja
Em feixes e ondas de luz
O sol retincto lampeja.

Lá fóra, em volta da cruz,
Aperta-se a multidão.
Sorrisos em cada olhar,
Riso em cada coração.

Vae o noivado a chegar.

A noiva és tu, caprichosa!
Cobre-te um véo transparente
Tecido, provavelmente,
Pelos dedos côr de rosa
D'alguma virgem tremente...

O teu gesto brando afasta
A multidão respeitosa.
E passas ligeira e casta.

Nuvens d'incenso azuladas
Erguem-se em spiras no ar.
Sente-se um orgão chorar
Notas estranhas, magoadas.

Ha festões em cada altar.
Um vago silencio... apenas
As saudações joviaes
Das avesinhas pequenas
Que saltam pelos beiraes.

Alguma essencia subtil
Feita das coisas d'abril
Pelo ambiente fluctua.
Ajoelha a multidão...
E sinto que a minha mão
Poisa nos dedos da tua.

O horisonte um longo traço
Formado de verde-escuro.
Bafos de luz pelo espaço.

O teu olhar meigo e puro
Lembra-me scenas saudosas;
E tem, na tenra humidade,
A doçura e a castidade
Das velhas mães carinhosas.

E esse olhar prendeu-me a vida,
Como prendem as creanças
Uma avesita perdida.

Esbate-se a madrugada;
Sóltas a fita das tranças...

Ao longe, pela quebrada
Vão noivando as pombas mansas...

ACCACIO PAIVA.

HISTORIA DA LEGIÃO PORTUGUEZA

A RETIRADA DA RUSSIA

O incendio de Moscou era mais um aviso terrivel do que um incidente funesto. E' certo que prejudicou immenso o exercito francez, mas não o impediria de certo de estabelecer alli os seus quarteis de inverno, se não mostrasse a Napoleão que um povo capaz de tão colossal sacrificio como fôra o da sua segunda capital, da sua cidade sagrada, não recuaria diante da devastação completa do resto do paiz, e que, por conseguinte, não havia meio de poder viver um exercito de centos de mil homens em região tão completamente arruinada.

Alem d'isso, a impossibilidade de aboletar os soldados regularmente, obrigava os generaes francezes a deixal-os forragear á vontade para se sustentarem, e isto dentro em pouco produzia a dissolução da disciplina e do espirito militar dos diversos corpos. O regimento portuguez de cavallaria, ao chegar a Moscou incendiada, acampou, e logo os soldados debandaram, á procura de alimento, voltando carregados de presuntos, de vinho fino e de farinha. No dia seguinte occuparam uma quinta e um palacio abandonados, e, como as tropas já sabiam que os Russos enterravam o que não podiam levar, conseguiram desenterrar muitas riquezas e até comestiveis, como por exemplo uns pães enormes e redondos, que agradaram immenso aos soldados. Acharam tambem muito dinheiro, mas infelizmente em papel, e fato com tanta abundancia que se vendia um capote de pelles por 720 réis, e uma peça de linho por nove vintens.

Depois, os forregeadores tinham sempre que travar combates com os cossacos, e com os camponezes armados, e d'esses combates, ainda que felizes, resultavam sempre perdas para o exercito. Só o regimento portuguez de cavallaria perdeu, emquanto esteve alli acantonado, 22 mortos, e teve 46 feridos.

Entrou depois o regimento na incendiada Moscou, onde se conservava ainda de pé o immenso Kremlin; mas os cossacos tinham tomado tamanho atrevimento, que os nossos patricios, e em geral o corpo de exercito de Mortier, tinham de se guardar como se estivessem em campina rasa, fazendo todos os dias fortes reconhecimentos. Um d'elles, feito por Theotonio Banha, pela estrada de S. Petersburgo, deu logar a um vivo combate com uns 3:000 cossacos, em que o nosso patricio se salvou, por se ter acolhido a uma casa em ruinas, onde uns vinte soldados francezes se defendiam brilhantemente, sendo salvos depois por uma força que o marechal Mortier mandou em seu soccorro.

A situação assim era insustentavel, e, quando rebentou o incendio no Kremlin, começou aquella funestissima retirada, que devia ficar para sempre celebre nos modernos annaes militares.

Qual não foi porém a triste surpreza do exercito quando, ao chegar a M lo-Jaroslavetz, encontrou esta pequena cidade completamente destruida, sem lhe poder offerecer nem o mais leve abrigo; quando, ao chegar depois a Mojaisk, ali encontreu o mesmo espectaculo, mas chegando d'esta vez a devastação a tal ponto que só poderam conhecer o sitio onde se erguera a cidade, diz Theotonio Banha «por alguns prumos, escapados ao incendio e que nos mostravam os seus antigos alinhamentos, e pelo relogio que ainda marcava as horas para uma cidade que já não existia!»

Dizia-se então que o exercito ia tomar quarteis de inverno em Smslensk e nas outras praças fortes do Dnieper, mas isso não bastou para animar o exercito já descoroçoado. Lembraram-se que tinham de percorrer ainda quarenta e quatro leguas por um caminho, onde sabiam com certeza que não encontrariam nem abrigo, nem alimento. Se os não tinham encontrado quando avançavam, como os encontrariam quando retiravam!

Principiou já então a desordem. Houve soldados que trataram sobretudo de accelerar a marcha, e que, para caminharem mais rapidamente, abandonavam as armas. A rapina, a que todos se tinham entregado em Moscou e nas suas cercanias, produziu os seus naturaes resultados. Soldados e officiaes, carregados de ricos objectos, tratavam sobretudo de salvar o seu espolio, e passavam, sem armas, e envoltos em ricos e soberbos casacos de pelles. Começava assim a formar-se a pouco e pouco essa massa confusa e desordenada, em que os camponios russos matavam á vontade, quando encontravam esses miseraveis a procurar alimento, sem meio de o conquistarem e de se defenderem.

O alimento escasseiava já de um modo horroroso. Theotonio Banha conta que, em Mojaisk, o seu sustento foram umas raizes de couve cozidas em agua. Depois já se comia a carne dos cavallos que morriam de cançasso, e linhaça torrada. Os cavallos comiam a palha velha que arrancavam dos tectos das choupanas.

E o frio começava a apertar de um modo extraordinario! Todos os horrores se accumulavam. O campo de batalha de Moskowa, ainda cheio de milhares de cadaveres insepultos, estava coberto com uma enorme nuvem de corvos, contra os quaes foi necessario fazer fogo e fogo intenso. Imagine-se o horrivel espectaculo!

Pela estrada encontravam-se a cada instante soldados mortos de frio. Se caiam de costas sobre as mochilas, não se torna-

vam a levantar; se se sentavam junto das fogueiras que accendiam, invadia-os um doce torpor que os não deixava erguer, e ahi morriam, muitas vezes queimados de um lado e gelados do outro.

A cinco leguas de Smolensk appareceram cossacos. Era o ultimo desastre. Foram ainda repellidos, mas com que perdas!

A desorganisação augmentava todos os dias de um modo horroroso. Cada dia ia diminuindo o numero dos soldados arregimentados e capazes de combater e augmentando o numero dos que compunham aquella massa enorme, que era um estorvo para a retirada. Tudo conspirava contra o desgraçado exercito. Se a neve estava solida e resistente, um frio cruel rareava as fileiras dos regimentos. Se o frio declinava, a neve desfazia-se n'um gelo meio liquido, por onde escorregavam homens e cavallos, acontecendo que, ao descerem uma collina que fica ás portas de Smolensk, rolaram pela encosta abaixo homens e cavallos, que chegaram ao valle ou mortos ou com as pernas partidas.

Os portuguezes, no meio d'aquelle immenso desastre, tinham-se chegado uns para os outros, e sentiam mais do que nunca a sua solidariedade nacional. Que alegria quando quando se encontravam no meio d'aquella massa confusa e desordenada! Em Smolensk appareceu o general Gomes Freire de Andrade com os seus ajudantes de campo visconde de Asseca e Carlos Auffdiener. Foi recebido com immensa alegria!

Entre Smolensk e Krasnoi a desorganisação tocou as suas ultimas raias. Alguma coisa se encontrou ainda em Smolensk, e o exercito ali recuperou algumas forças, mas isso não servia senão para precipitar a retirada, porque os mais abatidos, que ficariam nas fileiras por não estarem capazes de fugir, correram para a frente, e lá foram augmentar aquella horda desordenada, que os cossacos de quando em quando rasgavam em todos os sentidos, em mortiferas galopadas. Em Krasnoi suppoz-se que tudo estava acabado, que não escapava um só homem d'aquelle immenso desastre, porque se deu pela falta do marechal Ney. Aquelle heroico soldado, que até ahi mostrára a sua intemerata bravura nos campos de batalha, mostrava agora a sua constancia, a sua energia e a elevação do seu caracter. Era elle quem cobria a retirada com o seu corpo de exercito reduzidissimo, mas firme. Quando em Krasnoi se viu que elle não atravessára o Dineper, e que por conseguinte caíra provavelmente prisioneiro nas mãos dos Russos, o desalento foi geral e profundo.

E' uma coisa comtudo que alegra e reconforta um coração portuguez ver a attitude das nossas tropas n'aquella infausta retirada. Levados contra sua vontade áquella expedição promovida pela vontade de um despota, que, ao mesmo tempo que os arrastava após o seu carro triumphal, assolava, devastava e pretendia opprimir a sua patria; condemnados a vêrem sumir-se na mais profunda obscuridade os seus serviços, porque todas as glorias da campanha illuminariam sempre os annaes militares da França e nunca os portuguezes; defendendo, á custa de milhares de sacrificios, uma bandeira que não era a sua, levados comtudo unicamente pelo espirito militar e pela dedicação e affecto aos seus chefes, mantinham-se firmes e unidos no meio da dissolução geral, e, quando os regimentos francezes já não existiam e por assim dizer, quando tinham de se formar batalhões sagrados com os officiaes dos regimentos desfeitos, os dois regimentos portuguezes, o de infanteria de Francisco Pego e o de cavallaria do marquez de Loulé, conservavam-se intactos na sua organisação, embora dizimados e mutilados pela fome, pelo frio, pelo ferro do inimigo muito mais do que pelo extravio dos soldados. E comtudo, eram os portuguezes de certo os que mais padeciam com as intemperies d'aquelle inverno moscovita! Muitos dos nossos soldados tinham nascido em terras, onde se não sabia sequer o que era neve, e viam-se obrigados a luctar contra os gelos de um inverno, que assombrava, pela sua intensidade, os proprios Russos! Pois no combate de Krasnoi, sustentado pelas forças do marechal Mortier, dois dos regimentos que este general encontrou promptos para a resistencia foram os dois regimentos portuguezes, que alli perderam, o de infanteria um official e quarenta soldados, o de cavallaria um official e dezoito soldados.

Oh! e estes homens heroicos, que assim honraram o nome portuguez, eram amaldiçoados na sua patria, eram considerados como traidores, e eram esquecidos pela historia! Prestemos ao menos esta tardia homenagem ao seu heroismo obscuro.

PINHEIRO CHAGAS.

O BARBEIRO DE SEVILHA

Rossini escreveu em Roma o *Barbeiro de Sevilha*. O emprezario disse-lhe simplesmente, no dia em que elle ali chegou, ao entregar-lhe o *libretto*.

—Tens o Garcia, o Zamboni, o Boticelli.

—E a dama?

—Tens a Georgi. Que mais queres?! Não te parece gente capaz, para obra tua?

—Uma delicia; quem é que se queixa d'elles!?

—Estão ás tuas ordens. Compõe e elles cantarão.

—Talvez que o melhor até, seja vivermos juntos! Onde vivem elles?

—N'uma hospedaria, nem boa nem má.

—São as melhores. E estão lá todos?

—Todos.

—Vamos embora!

Escolheu quarto, poz a malinha a um canto; chegou á janella para observar a vista; abraçou aquella gente toda, largou, ao jantar, a comer macarrões; á noite, comeu macarrões outra vez; para o almoço da outra manhã, fizeram-lhe um prato de massa fresca, em tanta maneira, primorosa, que foi necessario repetil-o ao jantar, o que fez *tagliarini* duas vezes no mesmo dia; á noite, depois de um *brodo* substancial, tiveram uma *fritura* de figados de vitella *superfina* e umas trutas *supraexcellentes*, e assim foram vivendo duas semanas sem elle pôr penna no papel, a titulo de não sentir inspiração, e attribuindo isso, aliás, ás cautellas em que andava de evitar prudentemente qualquer coisa que lhe fizesse mal, com medo da *mal aria*, das perigosas febres, sacrificado a não fazer mais nada senão comer e beber... *Povero!...*

Quando não faltavam ja senão quinze dias para o prazo marcado de dar a opera, metteu-se Rossini no seu quarto, fechou-se por dentro e largou a compôr ao piano, de dia e de noite, sem outro intervallo senão o de beber uma garrafa de *chiante* e comer uma *polenta*, que acalentasse no seu seio, tenro e gordo, desoito passarinhos!

Toda a gente na hospedaria cuidou que elle houvesse endoidecido; chamaram-o, não respondeu; bateram-lhe á porta, não quiz abrir. Os cantores estavam furiosos de perderem o seu tempo do dia destinado para ensaiar, e o seu tempo da noite destinado para dormir.

Só Garcia, Garcia unicamente, por ter dó d'elle, resolveu ir assoprar-lhe pelo buraco da fechadura o seguinte discurso:

—Rossini! Per Dio! Rossini! Anima-te, tem coragem, e, uma vez que não podes cumprir a palavra dada, e que não tens *Barbeiro*, nem opera, nem o diabo que te leve, despe-te todo, mette-te dentro da cama, amarra um lenço n'essa cabeça, e eu me encarrego de ir com os companheiros, dizermos ao emprezario que trate da sua vida, para arranjar opera, porque acabamos de ver-te ás portas da morte; *Cossi va benino... Tacce!*

Mas, o Rossini, acabava, n'esse mesmo momento, de terminar o *Barbeiro*, e, abrindo a porta com estrepito, assarapantou o Garcia, fazendo-o segurar, na mão direita, na esquerda, e debaixo dos braços, uma quantidade enorme de folhas e folhas, cadernos e cadernos de papel de musica, todo cheio e escripto com as designações convenientes no alto da pagina...—*Serenata* ..—*Aria de barytono...—Duetto de barytono e dama...*

Era a opera! Era o *Barbeiro de Sevilha*, que, momentos depois, os cantores e o emprezario escutavam em extasi, e applaudiam, encantados.

Parece, porém, que para o *maestro* os terrores principiaram então.

Em virtude de um contracto estabelecido e firmado com a melhor segurança, não era permittido ao compositor de uma opera recusar o *libretto* que o emprezario escolhera para elle fazer a musica. Bem entendidas ou mal entendidas, as condições haviam sido acceites, a escriptura estava assignada, o *libretto* do *Barbeiro de Sevilha* appareceu ali á mão, não havendo outro, ou não querendo a censura acceitar os que havia, e o emprezario, que não queria mais delongas nem mais diligencias, louvou-se na sua propria acção, e ficou a pular de contente de que o folheto do *Barbeiro* o salvasse de maiores apuros.

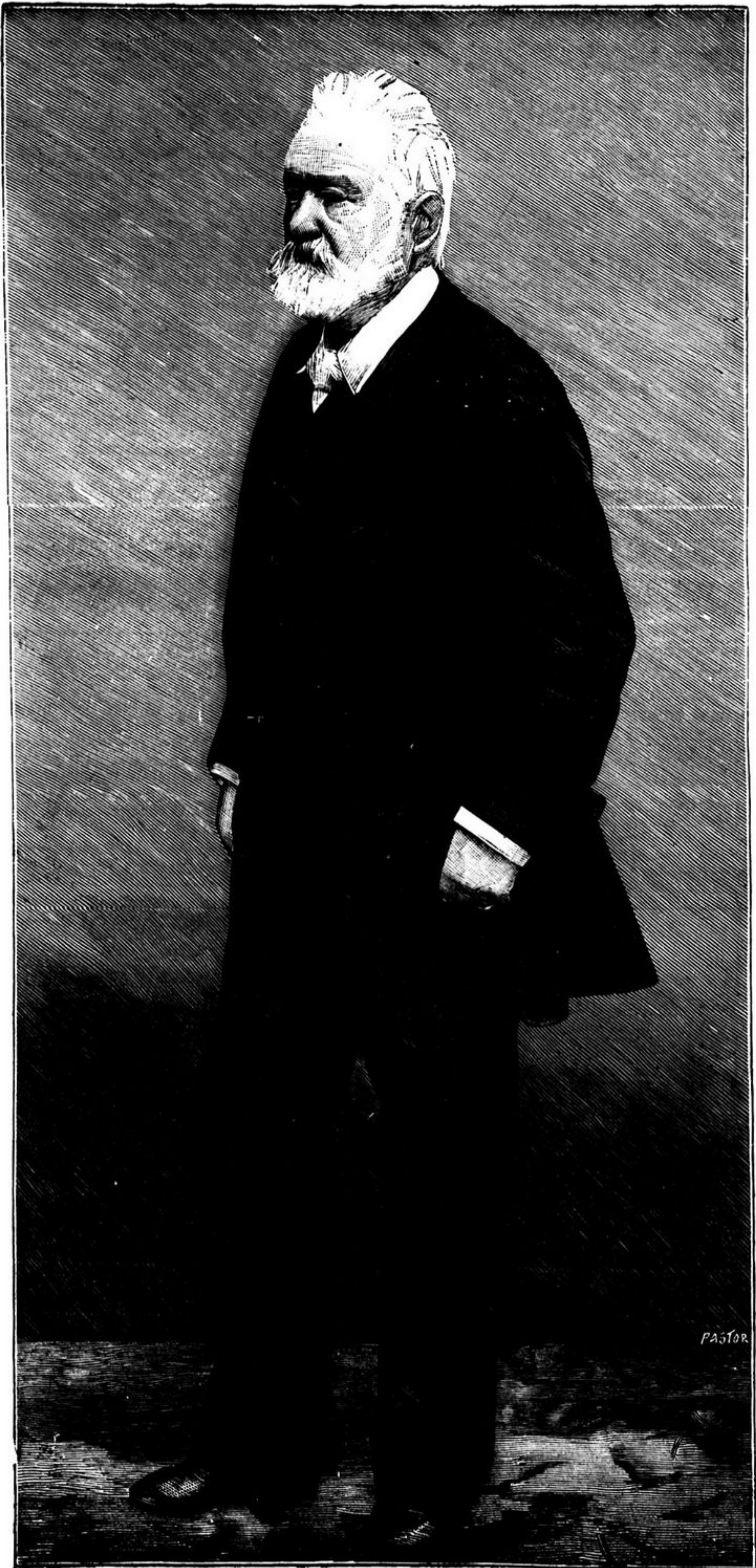
Quando o emprezario do theatro de la *Torre Argentina*, entregara como um mimo ao Rossini, que não era ainda o grande Rossini, e estava então em todo o fulgor da mocidade, esse tal libretto tirado da peça franceza do Beaumarchais, diz-se que o *maestro* chegara a tremer de medo.

O illustre Paisiello, nem mais nem menos do que um dos mais illustres mestres da escola italiana, havia tentado já aquelle mesmo assumpto, por occasião de estar em S. Petersburgo.

Não se temia, talvez, Rossini, de ir fazer obra de confronto áquella, que não havia tido o mais ruidoso acolhimento em Italia; mas era natural o seu receio, de ser accusado de petulante irreverencia para com aquelle antecessor, em tanta maneira glorioso.

Era ainda muito forte em Roma, por aquella epoca, o partido da antiga escola; e o numero dos adversarios, que as novidades de composição, as ratices, as estravagancias, as originalidades do moço *maestro* encontravam ali, era maior, pelos modos, muito maior até que o dos partidistas.

Ia dar occasião á critica das comparações, e pretexto vantajoso aos que já o accusavam de não fazer caso de muita gente que merecesse respeito, atemorisava-o isso tanto mais, que havia já assignado o contracto, cumpria-lhe escrever a musica, e não havia tempo a perder.

Conta o Stendhal, que Rossini escrevera a Paisiello, o qual

VICTOR HUGO

então estava em Napoles, uma respeitosa carta expondo lhe o estado em que se achavam as coisas, e pedindo-lhe indulgencia e desculpa para as necessidades em que a situação o collocava; e que o velho mestre respondera, polidamente, e artificiosamente, que, não se offenderia com o que se tentava fazer.

Outro critico, porém, o moderno Azevedo, do jornal: *O Menestrel*, n'um volume em que se encontram collegidos os seus artigos sobre a vida e obras de Rossini, conta e com bons direitos, por isso que era amigo intimo do maestro, e o Stendhal vivia longe de Rossini, estando consul em Genova, fresco e moço, ao tempo em que Rossini trabalhava em Paris, que jamais houvesse existido carta d'este para o Paisiello.

Um prefacio, isso sim, diz, nas primeiras folhas do libretto, do *Barbeiro*, para a opera de Rossini:

«A comedia de Beaumarchais, que tem por titulo o *Barbeiro de Sevilha* ou a *Precaução inutil*, apresenta-se em Roma como drama comico, sob o titulo de *Alma viva*, ou a precaução inutil, a fim de convencer plenamente o publico dos sentimentos de respeito e veneração, que animam o auctor da musica do presente drama, para com o tão celebre Paisiello, que já sob o seu titulo primitivo, tratou este mesmo assumpto.

«Compellido a emprehender esta difficil tarefa, e para evitar censuras, que o accusam de temeraria rivalidade com o auctor que o precedeu, exigiu expressamente o maestro Joachino Rossini, que o *Barbeiro de Sevilha* fosse inteiramente versificado de novo, e se lhe accrescentassem situações novas para os trechos de musica, já hoje reclamados de mais a mais, para que assim digamos, pelo gosto theatral moderno, inteiramente mudado desde a época em que o famoso Paisiello escreveu a sua musica.

A outras differenças entre a contestatura do presente drama e a da comedia franceza citada, obrigou a necessidade de metter os côros tanto pela conformidade com o uso moderno, como por serem indispensaveis ao effeito musical n'um tão vasto theatro.

D'isto fica prevenido o publico cortez, a fim de desculpar o auctor do presente drama, que, a não ser o concurso d'estas imperiosas circumstancias, não haveria jámais tentado fazer a minima alteração na obra franceza, consagrada pelos applausos em todos os theatros da Europa...»

Parece que a modestia d'este prefacio e a cautella em mudar de titulo, foi, para a opera, tudo precaução inutil.

O publico *cortez* fez um ruidoso escandalo na noite da primeira recita; e se no dia immediato foi procurar Rossini a casa, para o cobrir de applausos, não foi de certo devido ao prefacio, esse rasgo de justiça tardia:

Na partitura do velho maestro napolitano vê-se que as scenas a que elle deu mais importancia estão tratadas por um modo diverso d'aquelle a que a intenção de Rossini, de affastar analogias e comparações, procurou dar uma forma nova; mas apesar das palavras do famoso libretto impresso em Roma, que ao titulo de *Almaviva, o sia Inutile Precauzione*, accrescentavam: Comedia del signor Beaumarchais, di nuovo interamente versificata, e ridatta ad uso d ell'odierno teatro musicale italiano, da Cesare Iterbini, Romano, etc., não conseguiram quebrar jamais a teima da critica, em que o *Barbeiro de Sevilha*, de Rossini, seja apanhado ao *Barbeiro de Sevilha* do Paisiello.

—Vamos! dizia-lhe um amigo bruto, de uns amigos que ha sempre, quer haja, quer não haja de outros. Confesso, meu caro Rossini, que sempre roubaste o Paisiello.

—Roubei-o, retorquiu Rossini; pois sim, roubei-o,—mas matei-o!

—Não roubára tal. Disse-o rindo, provavelmente, para fazer um dito, e dito foi elle que o ficaram respeitando todos, tanto é certo que os que se humilham são tomados ao pé da lettra, por mais espirituosa que seja a sua modestia.

O genero da musica de uma, e da outra opera, é o mesmo; os acompanhamentos são similhantes: a feição do talento d'esses dois musicos, porém, diversissima, e Rossini, se não tem a melancolia do Paisiello, escapa, em compensação, á monotonia, que caracterisa um pouco a opera d'elle.

O Paisiello teve no seu tempo alta reputação; e passou por ser, digna de se considerar inimitavel, a graça ingenua da sua maneira — «ce stile *miracle de simplicité*» diz d'elle Stendhal na sua obra *Vie de Rossini*, capitulo XVI. Essa extrema simplicidade, todavia, parece haver peccado um pouco em se confundir por vezes com frouxidão, moleza, debilidade de estylo.

O *Barbeiro de Rossini* passa por haver levado a melhor, ao do seu antecessor, no duetto de Rosina com o Figaro, um dos triumphos por excellencia do celebre mestre, na aria da *calumnia*, e no tercetto *Zitti Zitti piano piano*. O terceiro acto do *Barbeiro do Paisiello*, porém, é uma verdadeira joia, como tal tem sido sempre estimado; e o duetto de Almaviva e Rosina—o que pode haver em musica, que diga maior ternura,—expressa superiormente, admiravelmente, incomparavelmente, a felicidade de Rosina, ao encontrar Almaviva meigo e fiel para ella.

Tudo isso, porém, são circumstancias e questões, que interessam apenas os delicados, e, em todas as coisas da arte e da vida, não são os delicados, por via de regra, que formam as maiorias.

JULIO CESAR MACHADO.

LUA DE MEL

Minha querida.

Uma grande noticia! Estava hontem a conversar com o meu Erard, o hippopotamo, como tu lhe chamas, por causa dos seus grandes dentes de marfim, estudava a polonaise do Chopin, quando senti de repente correr-se o reposteiro, a porta abriu-se; voltei-me e vi um senhor muito direito, de casaca, gravata branca, *claque*; cumprimentou-me, mysterioso, grave, cheio de ceremonial; correspondi com um *bon jour* e fugi. No corredor chamei o creado e perguntei quem era. O creado, o Bernardo, aquelle que usa uns collarinhos enormes e bicudos como as velas de um bote, riu-se,—o desgraçado estava no segredo da conspiração! ..

—«E' para o sr. barão, já preveni sua excellencia.»

Tu ainda gostas muito de ovos molles? e de manjar branco? Pois eu desde já me comprometto a fornecer-te uma indigestão d'estas deliciosas guloseimas, se fores capaz de adivinhar o que vinha cá fazer o senhor da casaca preta e da gravata branca. Ponho uma ordem de pontinhos, para tu teres tempo de meditar.

....

Não mataste a charada? Pudéra!

O senhor de casaca, que o Bernardo annunciou ao sr. barão, meu illustre pae, vinha,—prepara todas as tuas surprezas,—vinha,—põe em ordem de marcha todos os pontos de admiração que costumas empregar em actos solemnes,—vinha pedir a minha mão! Sim, esta mão que a regua do nosso rabujento mestre de geographia teve um dia a barbaridade de castigar, acaba de receber a honra insigne de ser pedida. Sabes que tenho olhado para ella muitas vezes, depois d'este grave acontecimento, e, porque não heide ser franca para comtigo? Demais a mais o hypocrita papel de Dona Modesta não é nada o meu genero; acho-a bonita, ou pelo menos não me parece tão feia como outras mãos nossas conhecidas, que teem sido pedidas por varios senhores de casaca preta e gravata branca.

Maliciosa! Sinto que me comprehendeste e que, mesmo de longe, me desorientas com o teu sorriso escarninho, tal qual como se estivesses aqui defronte de mim.

Sim, é verdade, tremo com medo de ti, dos teus epigrammas; vejo esboçar-se na tua bocca de sereia, como o papá lhe chama, uma ironia seguida de um sermão, e ha bocado que eu estou a fingir que tenho espirito, de proposito para que tu não adivinhes que tenho coração.

Grande Deus! como se dizia nos antigos dramalhões, o segredo escapou-me! *Che fare*? Quanto ao sermão, peço-te que o supprimas. Eu mesma não sabia, juro-te! A viscondessa convidara-nos para um *Five ó clock*. Eu andava muito seccada com a côrte idiota do Arthur. No baile da duqueza, tive de estar toda a noite a fazer symetria ás talhas de Japão, para fugir ao ridiculo de dançar com o Arthur. A' sahida, emquanto esperavamos a carruagem, exactamente na occasião em que as condessinhas me perguntavam se tu ias este anno para a Foz, o Arthur apparece e lembra-se, o scelerado! de estender a manapula, com um horror de luva amarella bordada a retroz vermelho, para me offerecer um rebuçado.

No *Five ó clock*, o Arthur era inevitavel. Disse que não ia, que tinha enxaqueca. Mas vê tu o que é o destino!... A tia condessa veiu buscar-me; não houve remedio!

A viscondessa annunciou-me, logo á entrada, que queria apresentar-me o sobrinho, lord Prodigio, como nós lhe chamavamos. Lembras-te a cara de recruta que elle tinha quando partiu para Londres? E aquella noite, no terraço, em que tu lhe perguntaste o que pensava elle quando olhava para a lua?... Calcula o meu espanto, quando, ao levantar os olhos, vejo na minha presença um rapaz alto, esbelto, apertado em uma sobrecasaca de *gentleman*, com um bigode loiro muito fino, um olhar muito intelligente e um sorriso muito espirituoso!... Mau grado a ameaça de Arthur, que pairava eminente, não tive animo de lhe negar a walsa que elle me pediu. Walsámos e conversámos... Uma idéa original d'elle! Lord Prodigio tem idéas, no meio de uma sociedade de rapazes insignificantes, que se limitam a ter pretenções. Disse-me que eu era a *edelweiss*, a flor rara, que só desabrocha no alto das montanhas cobertas de neve e que careço do calor de um beijo para conservar o viço E' excentrico, mylord!

Tua,

Luiza.

Minha querida,

Não me deixaram concluir a carta. Vieram dizer-me que elle estava na sala. Vinha gosar do seu triumpho, o vaidoso! Porque, creio que ainda não te disse, quando o papá me chamou á sala, no outro dia, para perguntar, diante do senhor da casaca preta e

CORAÇÕES DE MARMORE

da gravata branca, se eu corroborava... Eu, tal qual como a Jeanne May na *Scentelha de Pailleron*, corroborei! Hymeneu! hymeneu! Seriamente, tu aterras-me! Presinto, suspensas sobre a minha pobre cabeça, tres duzias de espadas de Damocles, trinta e seis phrases contundentes, em que tu has de plagiar muitas que eu perpetrei contra os homens em geral, e contra o casamento em particular.

O' menina, mas olha que isto tinha de ser. Desde que o mundo é mundo, diz-se muito mal do casamento, e afinal todas se casam. Depois, é de um ridiculo monstruoso ficar para tia. Ninguem acredita que fomos nós que não quizemos; persuadem-se, pelo contrario, que somos tão feias, tão desastradas, tão inhabeis, que nenhum d'elles entendeu que valia a pena deixar-se prender no visco.

A tia condessa é de opinião que todas as mulheres devem casar, que foi para esse effeito que Deus arrancou uma costella a Adão. Eu não creio na velha patranha da costella, n'esse capitulo acredito apenas nas costelletas panadas, um dos meus acepipes predilectos; mas como d'esta vez, por excepção sem precedentes, os pontos de vista, algum tanto myopes, da senhora condessa estão de accordo com os meus, caso-me. O meu noivo é adoravel!... E' um d'estes noivos ideaes, como nós os sonhavamos no collegio, quando liamos ás escondidas, entre a grammatica e o piano, os romances de Cerbuliez e Feuillet. Veiu direito a mim, logo que entrei na sala, agradeceu-me, muito commovido, e, pedindo licença ao papá, beijou-me a mão.

Adeus, até breve.

Tua,

Luiza.

Minha querida

Estou em Cintra: amo e sou amada!

Se isto não é a felicidade, podes acreditar que não ha outra.

Chegamos ha oito dias. Passeiamos todas as tardes e conversamos muito. E' notavel! as nossas conversas principiam e acabam sempre pelas mesmas palavras: elle pergunta-me se eu gosto d'elle; eu pergunto-lhe se elle gosta de mim. E' estupido, talvez, mas é sublime!

Não ha no mundo eloquencia comparavel á de uma bôcca adorada, quando nos diz: «amo-te!»

Hontem, na quinta da Regaleira, tive um ataque de ciume medonho. Não te rias, filha! E' lastimoso o estado em que nos põe a *negra furia*.

Instinctivamente, senti-me grotesca até á raiz dos cabellos!...

As filhas da marqueza appareceram: a Laura de azul, a Zeya de côr de rosa. A Laura veio assentar-se ao pé de mim; combinamos um *lawn tennis*. Eu sou doida pelo *lawn tennis*, bem sabes. Mas fez-me ferro o bom humor, a promptidão com que elle approvou logo, sem se lembrar que iria tambem o Arthur, o Aguiar e o Augusto Cordeiro. Metteu-se-me em cabeça que elle fazia a côrte a Laura. Estava muito nervosa. Era quasi noite; o vento rumorejava nas folhas; as rãs coaxavam; a agua caia da bica com um murmurio somnolento e triste.

Senti vontade de chorar e sem saber o que fazia, quebrei o leque. Elle olhava para mim, admirado, abrindo muito os olhos, sem perceber nada.

A Zéya chamou a irmã e levou-a para o rancho da Julietta Parreira e das Romualdas Ornellas. N'isto o conselheiro Fradique, o *paliteiro das Caldas*, teve a estupida lembrança de nos vir ler, com os oculos de oiro na ponta do nariz crivado de verruhas, um estirado artigo do *Jornal do Commercio*.

Elle voltou-se para o conselheiro e não me deu palavra

Senti impetos de bater na Laura, que ria muito. No rancho não se via senão o estapafurdio chapeu-apagador da Romualda Ornellas n.º 1, debaixo do qual saia uma voz esganiçada com inflexões de *gavroche*. Discutiam uma qualidade de bolachas, imagina!

A Julietta Parreira, arrastando muito os *rr*, disse que os morangos estavam *pela hora da morte*!

A Romualda Ornellas n.º 2, muito emproada, emittia opiniões e olhava com pretensão pela quizilenta luneta á Luiz XV. E em quanto eu soffria, repetindo mentalmente aquella admiravel definição do ciume skarsperiano, ellas, muito *caixeiras*, esmiuçavam preços, appeteciam gulodices! Ai! menina, não sei como resisti á tentação de apedrejal-as!

Vagamente, puz-me a calcular o effeito que produzirirm se caissem todas ao mesmo tempo no tanque.

Senti acordarem no meu ser instinctos de Caligula e de Nero, graças a Deus!... o conselheiro enguliu a tempo o artigo e foi-se. Mistress Wilkie mandou convidar as filhas da marqueza, as Romualdos e a Julietta para uma *sauterie*. O céo, talvez para desviar meus passos da vereda do crime, permittiu que ellas acceitassem.

Afinal, ficamos sós. Elle offereceu-me o braço. O papá, que não perdoa o *boston*, lembrou que eram horas de recolher. A noite estava soberba. Os pygrilampos lantejoulavam as relvas e sulcavam o ar como pequeninas estrellas cadentes. O cheiro das magnolias e do alegre campo subia á cabeça. A crise desvanecera-se. Tinha até vergonha da minha caturreira. Mas não queria dar o meu braço a torcer. Lord Prodigio colheu um ramo de congossa e offereceu-m'o. Pareceu-me ver-lhe no olho direito a malicia de Richilieu e no olho esquerdo a velhacaria Lauzun. Evidentemente, ria-se dos meus tolos ciumes. Porque, aqui para nós, filha, não ha nada mais ridiculo do que uma pessoa ciumenta. Fiz uma cara muito comprida e emmudecia Logo que cheguei a casa, fingi que me esquecia d'elle e fui tocar piano. E' sempre conveniente occultar-lhes metade dos sentimentos que elles nos inspiram; transmitto-te este precioso conselho e não te peço nada em troca. *Mon maitre* approximou-se e perguntou com voz tremula:

—Que mal lhe fiz?

—Nenhum, respondi.

—E' inutil dissimular, contestou com uma commoção sincera e communicativa. Juro-te acrescentou muito serio, quasi puritono,—puro similar de *gentleman* flirtando com uma miss de Rotten Row,—juro-te que só a ti amei, que só a ti amo, que só a ti amarei sempre.

O' menina tu duvidavas? Eu acreditei-o como a palavra do evangelho. Os homens leaes e dignos não descem á cobardia de mentir; depois, é até natural: se eu nunca pensei em outro homem, como poderia elle gostar de outra mulher?

Sempre tua,

Luiza.

Minha boa Assumpção

Perdôa o meu longo silencio, filha. Não tenho tido um momento. Escrevo-te revestida de todas as minhas insignias de senhora casada: Chambre, touca, uma argola de chaves e uma decepção!

Uma decepção, sim, e quantas lagrimas ella me custou!... Tu querias por força que eu tivesse um desgosto; a tua extravagante theoria das compensações não admitte que ninguem no mundo possa ter direito a ser feliz, sem pagar primeiro o pezado tributo. *J'ai peur de ton bonheur*, escreveste-me ha dias. Pois menina, escusas de ter medo, já estou iniciada, já paguei o tributo! Ouve e julga.

Ante hontem, tinha eu acabado de enfiar o meu vestido *mauve*, o que foi feito pelo Felix; o coupé esperava á porta. Elle, victorioso como todos aquelles que teem a certeza de serem amados, abotoava-me as luvas. De repente, vieram chamal-o do escriptorio. O coupé que devia conduzir-nos á Avenida, levou-o ao escriptorio. Muito seccada, tirei as luvas e fui ler o *Monsieur, madame et Bébé* do Droz. Não sei bem porque, mas o livro despertou-me uma malvada curiosidade, um desejo irresistivel de entrar no quarto de meu marido... Alberto deixara as gavetas abertas, a roupa branca espalhada, os frascos destapados, e o espelho, o espelinho do ultimo *coup d'œil*,—aqui tens para que serve um homem ser bonito!...—caido no chão. Dentro de uma gaveta achei um cofre, que me cheirou a peccado. Abri-o; o almiscar embaçava!

No antro de madeira suissa estofada de setim azul, deparou-se-me,—vê como o acaso conspira contra os indiscretos!—o cartão de visita de uma franceza, mademoiselle Marguerite Udard, umas violetas murchas e uma fita com franja de prata e esta reveladora palavra: «*Remember*».

Fiquei furiosa e fiquei ao mesmo tempo morta de dôr. Meditei uma vingança atroz, um golpe de theatro... Escrever umas cartas, disfarçando a letra, arranjar umas fitas com duas iniciaes, juntar muitas flores murchas e deixar tudo em cima do toucador.

Afinal, assim que elle appareceu, caí-lhe nos braços a chorar. Uma scena de Sardou, em que eu representei a serio o papel de idiota.

Alberto commoveu-se, pediu explicações. E a tua Luiza, com uma ingenuidade lorpa, digna dos tempos prehistoricos, deu-lh'as. Meu marido desatou a rir como um perdido. Pegou-lhe ao collo e foi contar tudo ao papá. E todo o jantar choveram sobre a minha cabeça contricta os epigrammas, as allusões...

—Sim, e as flôres? perguntei, irresoluta, depois de Alberto me ter convencido que a fita era a colleira do Sigh, um galgo muito bonito que lhe deram em Londres.

—As flores trouxe-as do *five ó clock* da viscondessa, onde te vi pela primeira vez.

—E o bilhete?

—O bilhete?... disse o traidor fingindo-se perturbado, o bilhete, Oh! Deus, o bilhete... era o endereço da minha engommadeira!

Reconheci que entrára pelos dominios do burlesco, mas nem por isso deixei de me sentir felicissima, tão feliz que me prostrei diante do Idolo, pedindo-lhe perdão.

Agora, escuta o epilogo. Dou-te licença que te rias, porque eu tambem já começo a achar-lhe graça.

No dia immediato tive o appetite de me levantar mais cedo. Ouvia os passaros chilrearem no jardim. Senti que o sol começava a morder as minhas queridas flores; inquietava-me o estado de uma *capitaine Christy*, que me parecera doente. Ao passar pela porta da bibliotheca, ouvi o meu nome. Parei e conheci a

voz de Alberto. Conversava com Julio Marcello, o seu intimo. Riam ambos muito, fallavam alto. Eis o dialogo que acariciou o meu ouvido durante alguns minutos:

—Imagina tu, menino, que era a fita do bouquet da *Guida*.

—Da bailarina?

—A mesma!

—Oh! filho, mas essas cousas não se deixam assim em exposição.

—Julguei que tinha queimado tudo. Fizera um auto de fé, que consumiu nas suas labaredas os despojos de tres duzias de *croqueuses*, e afinal a peste da bailarina sahiu incolume!

—E a idéa da engommadeira? Olha que foi pyramidal!

—Foi, mas declaro-te que já sei o que é o quarto de hora de Rabelais.

—Felizmente, tua mulher é muito credula.

—E' um anjo!

O monstro!

Toda tua
Luiza

GUIOMAR TORREZÃO.

AS NOSSAS GRAVURAS

A SALA DOS ACTOS GRANDES DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A sala dos actos grandes da Universidade de Coimbra, ou sala dos *Capellos*, como vulgarmente lhe chamam, parece ter sido construida no seculo XVI, depois da ordem de D. João III para que as aulas se transferissem para os seus paços das Alcaçovas. Estando, porém, já muito damnificada em meiados do seculo XVII, representou o claustro a el-rei D. João IV, pedindo lhe auctorisasse os concertos precisos. Concedida a auctorisação em fevereiro de 1654, parece que os reparos se fizeram logo, pois se poz no tecto a data de 1655

A sala tem 26 metros de comprido, 12 de largo e a altura proporcionada. O tecto é de madeira apainelado e pintado de ramagens, aves e outras figuras de pura phantasia.

Na parte superior da sala ha muitas tribunas, entre as quaes estão collocados os retratos dos reis de Portugal, pintados a oleo e de tamanho natural. Em baixo ha uma galeria com balaustrada e com os assentos para os doutores. Finos azulejos cobrem as paredes até meia altura, e d'ahi para cima papel vermelho adamascado, pelo qual, ha alguns annos, foi substituido o damasco verdadeiro, que a acção do tempo estragou. No topo, no logar principal, está uma cadeira riquissima, de pau santo, ornada de pregaria e tauxias de metal amarello.

Para as grandes solemnidades academicas a cadeira da presidencia, o logar do reitor, as tribunas e os retratos dos reis são adornadas com sanefas e panos de damasco agaloados Esta ornamentação dá á sala um certo aspecto ecclesiastico.

Na sala dos *capellos* celebram-se annualmente as festas solemnes da inauguração dos estudos academicos e da distribuição dos premios aos alumnos mais distinctos. Serve tambem para os exames de licenciados o actos grandes dos doutores ou theses, para as ceremonias dos graus e para as provas dos concursos aos logares de professores da universidade.

VICTOR HUGO

Embora tardiamente, vimos hoje prestar uma homenagem ao grande genio que se chamou Victor Hugo, publicando o seu retrato.

A biographia do famoso poeta, essa está feita, e não a reproduziremos áqui. O nome de Victor Hugo, nome grandioso como o seu talento, inscreveu-se em lettras de ouro no grande livro da historia da humanidade, muito antes do colosso se esconder nas brumas do tumulo.

Victor Hugo foi um coração de oiro, dominado por um cerebro de brilhantes. Espelho e pharol, reflectia e illuminava; propheta e pensador, predizia e meditava; era ao mesmo tempo o sol e a chapa photographica, desenhando em si mesmo o seu mundo, desenhando-se a si mesmo no mundo em que viveu.

Poucos genios tiveram uma influencia mais decisiva no seu meio, não commandando nunca, dirigindo sempre, não transmittindo ordens, dando educação.

Conquistador incruento, o seu gladio foi a idéa luminosa e redemptora; os louros de que lhe cingiram a fronte tantas gerações, não foram regados com lagrimas, mas com bençõos; a sua vida deslisou-se serena entre os sorrisos da poesia e os sorrisos do amor.

Ao vel-o adormecer na tumba, debalde se pergunta quem o substituirá.

Ninguem!

Elle, o unico e o incomparavel, lega ao seculo vindouro o encargo de crear outro genio, seu irmão, que seja luz do mundo e mestre das gerações.

Elle vive na morte, substituindo-se a si mesmo, tão brilhante de fulgor no marmore frio do seu tumulo, como o foi nos dias risonhos da sua esplendorosa mocidade, nos dias da lucta ingente da sua edade viril, nos dias de paz e de affecto, da sua velhice coroada de cãs, de prestigio e de amor.

A encarnação do bom, ligada á encarnação do bello, não morreu; transformou-se.

O seu logar no mundo não está vago. Só ha um vacuo immenso no coração dos que o amavam, e a explosão de veneração no espirito dos que o admiravam, erguido no seu pedestal de luz, tão alto, tão alto, que d'ali desferiu o vôo para o seio immenso da eternidade.

CORAÇÕES DE MARVORE

Um bello quadro do grande pintor austriaco, Hans Makart, reproduzido de uma photographia da casa Ungerer, de Vienna.

O assumpto dispensa largos commentarios. Duas formosissimas mulheres, semi-nuas e indolentes, duas peccadoras, por certo, acabaram de cavaquear ácerca do amor. Uma d'ellas, a menos despida, deixou-se adormecer a meio da palestra, confessando que nunca travára relações com aquelle sentimento piégas e romantico. A outra, saboreia muito pachorrentamente uma cigarrilha perfumada, vendo esvahirem-se, d'envolta com as espiraes caprichosas do fumo, uns restos de coração que ainda sentia pulsar-lhe dentro do peito.

Por traz d'ella, um soberbo gato francez, luzidio e anafado, dorme a somno solto. E' o unico vivente, talvez, a quem as gentis donas dispensam caricias sinceras e... de graça.

MEDICOS ILLUSTRES

FERRER FAROL E D. ANTONIO DE LENCASTRE

Ambos elles são novos e ambos teem a sua reputação firmada. O primeiro, que foi tambem o primeiro a exercer a clinica em Lisboa, é, além de medico illustre, escriptor distinctissimo e um coração de ouro. Ao mesmo tempo que derrama por toda a parte os fructos da sua instrucção, espalha prodigamente, onde quer que chegue, os bellos fructos da sua alma generosa e boa.

Como medico, os seus serviços á humanidade e á sciencia são valiosissimos. Como homem, fallam-nos d'elle milhares d'actos d'uma nobreza da caracter extraordinaria. Como escriptor e jornalista, podemos aquilatar-lhe o merito pelos brilhantes artigos escriptos na *Tribuna*, que fizeram echo em todo o paiz, e acordaram no Brazil os affectos patrioticos de tantas almas devotadas ao bem de Portugal.

* * *

D. Antonio de Lencastre, o outro medico, tambem já illustre, de quem hoje damos o retrato, descende de uma das familias mais nobres do nosso paiz, mas não se contentou com a aristocracia antiga que lhe sobejava nas suas tradições genealogicas, e quiz aureolal-a com essa nova aristocracia que hoje irradia nas sociedades modernas:—a do talento, do trabalho e da sciencia.

Ainda não conta trinta annos, e já marcha na vanguarda dos clinicos portuguezes, sempre laureado e sempre triumphante.

Apenas sahido da Escola, foi logo procurado com enthusiasmo, pelo seu tacto medico e pela grande certeza do seu diagnostico, nos casos graves e difficeis.

O fallecido rei D. Fernando, conhecendo os altos merecimentos do joven medico, deu-lhe a subida honra de o convidar para o seu serviço permanente, e n'esse cargo D. Antonio de Lencastre exhibiu sempre provas brilhantes d'um talento extraordinario e d'uma notavel aptidão.

El-rei D. Luiz nomeou-o medico da real Camara.

Clinico illustre, homem de sciencia de excepcional talento e de illustração variadissima, D. Antonio de Lencastre torna estas qualidades ainda mais brilhantes pela sympathica simplicidade do seu tracto, pela lealdade impolluta do seu caracter, e pelos dotes elevados do seu coração sempre aberto a todos os sentimentos grandes e generosos.

Um excellente medico e um excellente rapaz.

SOUVENIR

A valsa que hoje publicamos é composição do talentoso maestro, D. Juan Garcia Catalá.

Faz parte de uma quadrilha inedita, que o afamado compositor hespanhol escreveu ha tempo.

MEDICOS ILLUSTRES

DR. FERRER FAROL

DR. D. ANTONIO DE LENCASTRE

EGREJA E CONVENTO DA ESTRELLA

A construcção d'este vasto monumento foi iniciada no dia 24 de outubro de 1779, sendo architecto e author do plano o major d'engenharia, Matheus Vicente. Em 16 de junho de 1781 achavam-se as obras tão adiantadas, que, n'esse dia, foram installadas as primeiras freiras, pertencentes ás carmelitas de Santa Thereza, a cuja ordem a rainha D. Maria I fizera doação do magnifico convento.

Em 1790, a egreja e o convento estavam completamente terminados, não logrando o primitivo architecto ver o complemento da sua obra, porque morrera em 1786.

Calcula-se que o edificio custou ao paiz a enorme cifra de 4:000 contos de réis.

O estylo da fachada da egreja da Estrella é da *renascença*, mas decadente e mesquinho; melhor talvez diriamos que pertence a essa especie d'architectura, caracteristica dos seculos XVII e XVIII entre nós, e a que poderiamos chamar *estylo jesuitico*.

As columnas, que pretendem embellezar a triste frontaria, sustentando apenas uma parte saliente do entablamento, e encimadas por simples estatuas, são ainda uma causa de má impressão para os olhares entendedores.

O interior da egreja nem melhora de estylo, nem perde o caracter triste, que predomina em toda a construcção.

A parte realmente bella de todo o edificio é o magnifico zimborio, que cobre o cruzeiro da egreja.

O zimborio é, incontestavelmente, uma das mais bellas e elegantes fórmas architectonicas, creadas pela concepção artistica do homem; derivado, sem duvida, da arte oriental e bysantina, o zimborio attingiu, pelo genio de Brunelleschi na egreja de Santa

SOUVENIR (VALSA)

Maria del Fiore em Florença, e pelo de Miguel Angelo na basilica de S. Pedro de Roma, a sua perfeição artistica.

De S. Pedro de Roma, o zimborio espalhou-se rapidamente por toda a parte, como imitação, mais ou menos feliz, das construcções dos dois grandes mestres italianos.

Em Portugal temos dois bellos exemplos de zimborio em Mafra e na Estrella.

Este ultimo, principalmente, considerado pela elegancia das suas fórmas e pela perfeição do córte e do assentamento da cantaria de que é formado, constitue, a nosso ver, um magnifico exemplar architectonico e um bom exemplo de construcção.

Da varanda que circumda a lanterna do zimborio da Estrella, disfructa-se um panorama esplendido, em dias claros e serenos.

CURIOSIDADES

O TELEPHONE E AS REPRESENTAÇÕES THEATRAES

Não é sómente em Lisboa que o telephone se applica ás audições de operas no proprio domicilio; faz se outro tanto em todas as capitaes da Europa, e designadamente em Londres, onde, pelo modico preço de 120 réis, qualquer póde deliciar-se, ouvindo um trecho de opera, sem ter de ir ao theatro.

Uma companhia audaciosa estabeleceu, em certo sitio muito central da grande cidade, uma estação telephonica, onde cada qual, a troco d'aquella exigua quantia, tem o direito d'ouvir cantar, durante 15 minutos, os principaes artistas do theatro lyrico.

A iniciativa innovadora, que distingue os inglezes, demonstrou-se tambem, ha pouco, por occasião das ultimas eleições. O emprezario do theatro de Drury-Lane estabeleceu uma communicação telephonica entre aquella casa d'espectaculo e os escriptorios d'uma agencia telegraphica, que lhe communicava, durante todo o dia, os resultados das eleições.

Nos intervallos, apresentava-se ao publico um empregado da empreza e lia-lhe o boletim eleitoral das ultimas vinte e quatro horas.

AR IMPURO

O ar que os habitantes de Londres respiram é negro, á força de ser impuro. A metropole consome diariamente 30:000 toneladas de carvão, cujos gazes e vapores ficam suspensos na atmosphera. Os seus celebres nevoeiros são negros, por isso que o fumo entra n'elles na proporção de 80|100.

Na Camara dos deputados londrina ha apparelhos para que todo o ar do exterior entre filtrado. A operação faz-se, obrigando as correntes a passar por camadas successivas d'algodão, que ficam negras. Em consequencia d'isto, um higyenista deu a voz d'alarma. Todos os jornaes da grande capital se occuparam do assumpto, e, dentro de pouco tempo, concebeu-se um projecto gigantesco—o de trazer para a cidade o ar do mar, já que não pode filtrar-se toda a atmosphera londrina.

Para tal fim, collocar-se-hão nas praças de Brighton tubos enormes com poderosas bombas de absorção. O ar do mar entrará em Londres por esses tubos, havendo, em cada rua, varias bombas para saturar d'ar puro a atmosphera.

Nas casas adoptar-se-ha egual systema.

Se este pensamento fôr levado á pratica, dentro de pouco tempo nenhum londrino alugará uma casa sem se informar primeiro se ella tem ares marinhos.

O TELETTROSCOPIO

Pensa-se dar este nome a um novo apparelho, que permittirá ver a grande distancia por meio da electricidade, e que será, para a vista, o que o telephone é para o ouvido.

Em todas as partes do mundo civilisado se trabalha com affinco na solução d'este problema scientifico, que desperta quasi tanto interesse como o da navegação aerea. Todavia, apezar dos grandes progressos realisados recentemente, não póde dizer-se que qualquer dos dois esteja resolvido.

O systema a que alludimos baseia-se nos principios da telegraphia synchronica e nos effeitos photo-electricos da luz, mas os homens de sciencia não o consideram ainda como uma solução, apezar da sua importancia incontestavel.

A LINGUAGEM DAS CORES

A cor roxa era antigamente a mais distincta de todas; consagrava-se ao culto do rei dos astros, e servia para pintar as imagens dos deuses. O primeiro rei, que usou manto de purpura, foi considerado como um sacrilego.

Em Roma, pintavam de vermelhão a estatua de Jupiter Capitolino nos dias de grande festival. Antes de se vestirem de purpura, os chefes do povo tingiam o corpo de vermelho, desde a cabeça até aos pés.

Pelo contrario, a côr amarella, considerada n'aquelle tempo como a degeneração da luz, era o distinctivo das raças degradadas e servis. Tudo quanto os escravos usavam era pintado de amarello; e não ha muito tempo ainda, obrigavam-se os judeus a usar gorros amarellos, como signal da sua inferioridade.

NAUTILUS.

UM CONSELHO POR SEMANA

O CAFÉ E A CHICOREA

O meio mais pratico de reconhecer a presença da chicorea no café é, sem duvida alguma, o exame microscopico; mas como este processo nem sempre é facil, recommendamos o methedo seguinte, que póde empregar-se com vantagem:

Espalhe-se o café sobre uma folha de papel branco. Os grãos de café teem uma apparencia angular; os da chicorea são redondos e de côr sombria. Depois de espalhados, picam-se com uma agulha. Os grãos do café saltarão fóra do papel ou partir-se-hão em duas partes sob a pressão da agulha, ao passo que os da chicorea, muito mais molles, se deixarão furar, sem saltarem, nem se partirem.

EM FAMILIA

CHARADAS

NOVISSIMAS

Esta planta e este instrumento servem para medir a intensidade do azul do céo—3—2.

Coimbra. A GONÇALVES DA CUNHA.

Este instrumento não é molle na madeira—2—2.
Em Caparica levanta-se da terra esta prisão—1—3.

SOCIEDADE ONDE A GENTE SE ABORRECE.

No jardim este reptil é uma bonita cidade—1—2.
Na Grecia esta mulher é sempre alegre—1—3.
Na Grecia este orgão delicado é um insecto importuno—1—2

A. C DE M. F. DE MENEZES PINTO.

Esta lettra joga-se, veste-se e dança—1—1—2.
Este rio é base d'um poeta inglez—1—1.
Esta egreja é de papel e mette medo—1—2.
Não chora no campo este homem—1—2.

Brunhozo. PADRE LEITE VELHO.

EM VERSO

Se pedires a primeira
ao Papa, ao certo has de achar
esta mesma, que, na historia,
tambem podes encontrar—1.

A segunda e a terceira,
digo aqui, com desafogo,
que as descobres sem fadiga
se jogares certo jogo—2.

Do conceito só te digo
e te posso affiançar
que de ha muito, felizmente,
acabou de circular.

SOCIEDADE ONDE A GENTE SE ABORRECE.

A ***

Sinto a alma como as rosas
N'alvorada,
Quando a limpida geada

Lhes dá pureza e frescor!
Como me faz a ventura
Que eu sinto no teu amor!...—2

Busca o oiro o operario
No granito;
Eu busco o goso infinito
N'esse amor que desabrocha!
A tu'alma é, para mim,
O que, p'ra elle, é a rocha—2.

O que eu tinha desconsolo
E' se um anjo tão perfeito
Usasse o nome (não gosto!...)
Que se vê no meu conceito.

C. SERTORIO.

PROBLEMA

Quantas vezes se deve baralhar um certo numero de cartas, pelo processo indicado no problema anterior, para conseguir dispol-as pela ordem primitiva.

M. D'ALMEIDA.

ENIGMA

Formar, com as lettras do presente quadro, o nome d'um illustre poeta portuguez, contemporaneo:

3	1	3	1	1	4	1	2	4	5	2	1
a	b	e	f	h	i	m	n	o	r	t	z

N. B. Os algarismos indicam quantas vezes a lettra deve ser empregada.

Leiria. BENTO MODESTO.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Meliloto—Vianna—Fafe - Cavallaria - Escripturario—Chacal—Perca—Araca.

DA CHARADA EM VERSO:—Negrão.

DOS LOGOGRIPHOS:—Tormentilla—Perdigão.

DA CARTA ENIGMATICA:—Marinharesco.

DO PROBLEMA:—Designando as cartas pelos numeros 1, 2, 3, etc., é claro que, depois de baralhadas uma vez, ficam pela ordem 40, 38, 36.....1, 3, 5....39. Sendo pois *n* o numero de ordem da carta, que não muda de logar, póde acontecer que *n* seja par ou impar. No primeiro caso é evidente que o valor da carta na segunda disposição póde representar-se por $40-2(n-1)$, e deve por tanto ser $40-2(n-1)=n$, d'onde se tira $n=14$; no segundo caso deve ser $1+2(n-20-1)=n$, ou $n=41$; e como as cartas são 40, esta solução é impossivel.

DA CHARADA EM QUADRADO:

B anan a
a dema n
n avét a
a betu n
n atur a
a nana z

A RIR

Laurinha folheia um livro com estampas, emquanto sua mãe recebe a visita de uma parente bastante idosa. A creança aproveita uma pausa na conversação para perguntar á visitante o nome de uma das aves reproduzidas n'uma gravura.

—E' uma coruja, respondeu a dama.

—Mas não se parece comsigo! replica a creança admirada.

—E o que ha n'isso para estranhar?

—E' que a mamã, quando lhe annunciam a sua visita, nunca passa sem dizer:—«quando deixará de nos importunar esta velha coruja?!»

*

Fallava-se da senhora L... que *fôra* muito formosa.

—Tem, effectivamente, alguma cousa de deusa, dizia um.

—Tem, sim: —a antiguidade!

*

Tendo alguem perguntado a Calino se, durante este tempo de frio intenso, costumava regar as flores, elle respondeu:

—Todos os dias. E accrescentou, com ar de pessoa muito entendida na materia:

—Mas com agua quente!

A ROSA MARIA

(CONTO AÇORIANO)

Um sol de estio, abrasador e requeimante, polvilhava d'oiro toda a vasta campina da Relva, um tiro de peça a leste da cidade de Ponta Delgada. Eram campos desdobrados em avental da deusa Ceres, desde a cintura alcantilada de umas graciosas montanhas até ao anilado das aguas do Atlantico, nas quaes se reflectia o tom azul e oiro do soberbo ceu dos Açores. A campina descia pois até ao mar, mergulhada n'essa calma suave e melancholica, que é o caracteristico das searas nas horas mais ardentes do verão, em que a vida animal e vegetal parece docemente recolhida para não perturbar o pleno imperio da luz.

Era meio dia. De subito, ao longe, muito ao longe, quebrou a calmaria o chiar de um carro de bois, monotono, agudo, persistente.

Avisinhava se, vagarosamente o carro, e as ondas sonoras transmittiam-no espaço, aquella lamentação da industria primitiva, tão querida dos rusticos ouvidos. E' que muitas vezes, á frente dos bois, vem um mocetão de truz, gestos grosseiros mas de paz, tez morena, cabello encaracolado, olhos pretos espertos e alegres, dentes alvissimos abertos n'um meio riso limpo de ironia e rebentando d'alma á flor dos labios vermelhos e sensuaes.

Esse moço da lavoura sabe que, na eira, o espreitam sempre dois olhos brilhantes como estrellas; adivinha que um peito de camponeza virgem e sadia, bate com violencia sob o fluido magnetico do seu olhar ingenuo e bom de aldeão honrado, que só espera pela auctorisação do sr. padre cura para descer a investigações mais intimas e maliciosas. Olhar santo e despido de peccado, como só se encontra no campo, oh! Lovelaces de rabona e chapeo alto, que isto ledes.

A pequena do João Exposto—o rapaz conductor do carro—quando o primitivo vehiculo, carregado de trigo, se approximou da eira, foi collocar-se á entrada do portal para o saudar de perto, para o devorar com o olhar.

E que pequena, santo Deus!

Nunca a mãe natureza fez obra mais louçã. Tudo n'ella era como que feito ao torno. Uma embriaguez de carnes cantando estrophes d'amor. Risos nos olhos, nos labios; tudo sorria n'esta flor dos campos. O cóllo arfava-lhe docemente, e o tronco esculptural, vestido de chita clara, destacava-se vibrante na symphonia de côres que se entreviam pela guéla escancarada do portal.

A este tempo, a eira e suas dependencias regorgitavam de convidados, da numerosa familia do lavrador, dos moços e homens do trabalho.

Juntas de bois, jungidas ás respectivas cangas, tinham penetrado no recinto da debulha, e varios rapazes e raparigas, de pé, firmes sobre os trilhos, com a aguilhada na mão, esperavam que se alastrasse completamente de molhos de espigas a eira, para correrem sobre ella, arrastados pelos bois n'um turbilhão de poeira, n'um concerto infernal de gritos, n'um agitar louco de aguilhadas.

A ultima carrada conduzida pelo João Exposto, estava quasi despejada, graças ao auxilio de Rosa Maria que, n'essa tarefa, desenvolvera uma actividade pasmosa. Ao lado do seu querido João, pareciam-lhe leves como pennas os compridos molhos de trigo. E de cada vez que as suas mãos asperas mas pequeninas, roçavam as d'elle, a alegre rapariga abria o seu teclado denticular e soltava sonoras gargalhadas denunciantes de um pulmão de primeira ordem.

Se o João fosse um galan da cidade, frequentador de theatros e leitor de romances, levaria de cada vez aquella mãosinha polpuda aos seus labios virginaes de todo o meleficio; mas o pobre rapaz, evidentemente muito atrazado nos compendios... contentava-se em olhar pasmadamente a sua gentil namorada, envolvendo-a em torrentes de ternura emanadas dos seus formosos olhos pretos.

Era um idyllio esta muda conversação de amores.

Diante do carro completamente despejado e prompto a partir, os dois namorados dirigiam-se as ultimas palavras. Ella, meiga e graciosa como uma promessa; elle, triumphante e feliz, apoiado na sua aguilhada de cinco metros d'altura, collocada verticalmente.

Subito, um estampido medonho resoou perto, seguido de um grito penetrante; grito que era um arranco, feito de agonia e morte.

Todos correram instinctivamente. O carro havia desapparecido, arrastado loucamente pelos bois espantados. Junto do portal estorcia-se em convulsões atrozes, com o ventre aberto por uma larga ferida, d'onde emergiam as tripas, o pobre carreiro, sobre o qual havia passado a junta e a roda esquerda, massiça e tremenda, tão informe e tão pesada como a pedra de um moinho gigantesco.

Ao defrontar com o moribundo, Rosa Maria, que fôra cuspida para o lado pelo movimento brusco dos bois, devendo a isso a salvação, jazia desmaiada, perdidas as formosas côres do rosto.

O que occasionára a catastrophe?

E' uso no campo, para festejar ainda os mais insignificantes actos da vida, queimar polvora. Os foguetes de tres respostas (roqueiras lhe chamam nos Açores) e as bombas de dynamite, desempenham um papel principal, só disputado pelo vinho. Queima-se polvora com uma prodigalidade assombrosa.

Ora, como se tratava do primeiro dia de debulha em casa do lavrador, onde se passam estas scenas, e o uso requeria que o trabalho se abrisse com todo o estadão, o mestre ferrador da freguezia, habil pyrotechnico nas horas vagas, munira-se das competentes bombas de dynamite, como uma sincera homenagem ao progresso que tem posto em primeira fila esta polvora, e no momento psycologico... fel-as estoirar.

Os pobres bois, já de si espantadiços e refractarios ao progresso do mestre ferrador, protestaram a seu modo e pozeram-se em fuga, saltando por cima do unico obstaculo que se lhe deparou na frente. Infelizmente, esse obstaculo era o formoso par de namorados, que davam n'aquelle momento á paizagem um tom tão pastoril.

Imagina-se facilmente a balburdia que este facto occasionou. O mestre pyrotechnico eclipsou-se prudentemente com o resto das bombas; os moços da lavoura correram em seguimento do carro; as mulheres, levantando os braços ao ceu, rodearam o João Exposto e a Rosa Maria.

N'um abrir e fechar d'olhos collocou-se sobre os hombros de quatro homens uma padiola com um colchão, sobre o qual, inundando-o de sangue que escorria até ao solo, estava o pobre ferido, ainda ha pouco tão cheio de vida e esperança. E' assim a existencia humana, triste erguer e baixar de um panno de theatro.

EGREJA E CONVENTO DA ESTRELLA

O pobre João foi conduzido ao hospital de S. José, da cidade de Ponta Delgada, um antigo convento de franciscanos. O trajecto foi penoso, sob um sol ardente, por um caminho impossivel. Chegou ao hospital e morreu.

A noiva, louca de dôr, foi presa de uma febre cerebral, e ao levantar-se do leito curada do corpo, mas não da alma, nunca mais sorriu. O seu corpo, admiravelmente bem feito, não havia perdido, é certo, a graça e a flexibilidade. As suas linhas curvas tão sensuaes, eram irreprehensiveis e provocantes, como nunca. O seu olhar, tão meigo e tão pueril, tinha porém o brilho estranho, a fixidez impertinente e abstracta de uma idéa fixa. Havia laivos de loucura n'aquelles olhos castanhos e deliciosamente redondos. A mão polpuda e pequenina, branca e macia de se ter conservado entre os lençoes, era, não obstante, fria e inerte como a de uma estatua.

Havia o que quer que fosse.

Rosa Maria tinha na cidade uma madrinha rica, a senhora Morgada (como lhe chamavam) que a estimava muito. Esta dama da aristocracia da terra, muito boa pessoa, mas muito beata, passava por ser a presidente da succursal da Associação do Sagrado Coração de Jesus, e carteava-se furiosamente com o reverendo provincial d'esta poderosa associação jesuitica em Lisboa.

A titulo de a distrahir, reteve a Rosa em casa e iniciou-a nos sagrados mysterios das suas praticas devotas. A pequena, intelligencia fraca, mas natureza forte e impressionavel, carecia de entregar-se a essa febre do coração e dos sentidos, que domina todas as pessoas jovens, e que se chama — amor, quando tem por objecto o ente humano; e que se denomina— beaterio, quando desviada do seu curso natural por um desgosto profundo e secreto, por uma paixão infeliz ou por uma aberração mental do ensino.

Guiada pela Morgada, beijando diariamente mãos sacerdotaes, dispondo todos os dias a alva toalha de linho para a missa no grande oratorio do palacio, enebriando-se dos aromas mysticos do incenso evolado em espiraes tenuissimas dos elegantes thuribulos de prata rendilhada, a nossa bonita camponeza foi completando a sua educação, e um bello dia, sem se despedir de ninguem na sua aldeia, como manda a regra da ordem, sem olhar para traz, com a serenidade no seu bello rosto de marfim, mas talvez com a imagem d'elle... no coração, embarcou para Lisboa, n'um dia de verão em que o sol tambem aquecia com os seus raios vivificantes a natureza sempre juvenil e alegre do opulento torrão açoriano.

Com os olhos rasos d'agua, na tolda do paquete, no momento em que elle largou, dos flancos negros, o tiro de peça de despedida, aquelle coração acordou para o mundo. Mas foi um relampago; os olhos seccaram logo, devoradas as lagrimas pela febre interior, e oito dias depois, Rosa Maria passava nas ruas de Lisboa, silenciosa e grave, envolta no seu manto preto, sinistro como um tumulo, secreto e frio como uma porta de ferro.

Era irmã da caridade!

Janeiro, 1886. JOSÉ MARIA DA COSTA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	2$080 réis.	Anno, 52 numeros..	10$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	1$040 »	6 mezes, 26 numeros	5$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	520 »	Avulso............	200 » »
No acto da entrega....	40 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO», TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA